

Meu pai veio só com a roupa do corpo

Estudo etnográfico sobre uma comunidade de trabalho nas pedreiras do bairro Tristeza, em Porto Alegre/RS



Banco de Imagens
e efeitos visuais
Laboratório de Antropologia Social-PPGAS-UFRGS
www.biev.ufrgs.br biev@ufrgs.br

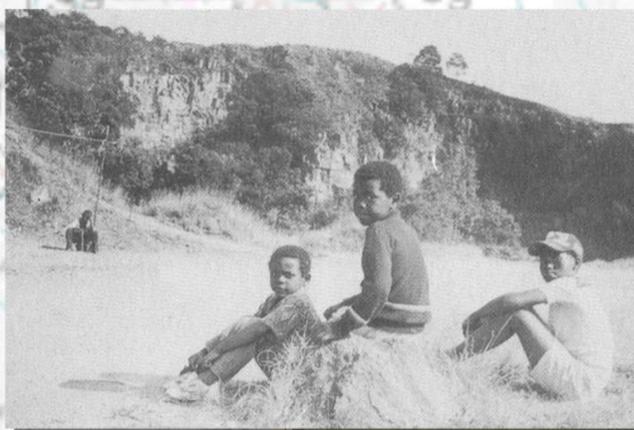
Pesquisadora: Stéphanie Ferreira Bexiga
Orientadora: Ana Luiza Carvalho da Rocha
BIEV/NUPECS/LAS/PPGAS/UFRGS

Caminhei calmamente pela rua de “chão batido”, Bazílio Pellin Filho, e logo avistei uma senhora, de costas, segurando um bebê. Como uma tática utilizada em outra saída de campo na Tristeza, aproximei-me e cumprimentei-as, dando uma atenção maior à pequena Manuela, e comecei a conversar com ela. A senhora que a carregava também iniciou um diálogo comigo, mas não lembro bem de suas primeiras palavras, lembro apenas que logo no início ela anunciou aquela frase que tanto gostamos de ouvir: “Eu me criei aqui no morro”, perguntando-me logo depois se eu morava por ali: “Não, mas eu vim visitar uma pessoa que mora aqui, não sei se a senhora conhece, a Maria Alice?!”. Ela logo falou “ahh sim, uma morena? Ela mora ali (apontando com a mão), sim, conheço, o pai dela trabalhou com o meu na pedreira”. (Diário de campo, 02/05/2010)



Introdução

Essa pesquisa, desenvolvida no âmbito do projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais (ILEA/PPGAS/UFRGS), com financiamento do CNPq, trata do estudo etnográfico de trajetórias sociais, itinerários urbanos e formas de sociabilidade no bairro Tristeza a partir da formação de uma “comunidade de trabalho” (Eckert, 1993) em torno da exploração da pedra no decorrer do século XX.



Fonte Mapa: Cadastro Mineral da Região Metropolitana de Porto Alegre. Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM)

Fonte Fotos: Coleção Memórias do Bairro Tristeza - Acervo BIEV; SMC PMPA; Acervo Benno Mentz

Metodologia

A pesquisa apóia-se na observação participante, na etnografia de rua (Eckert e Rocha, 2003) e em entrevistas não-diretivas para investigar as formas de sociabilidade no bairro e suas relações com as memórias sobre a comunidade de trabalho fundada na extração da pedra

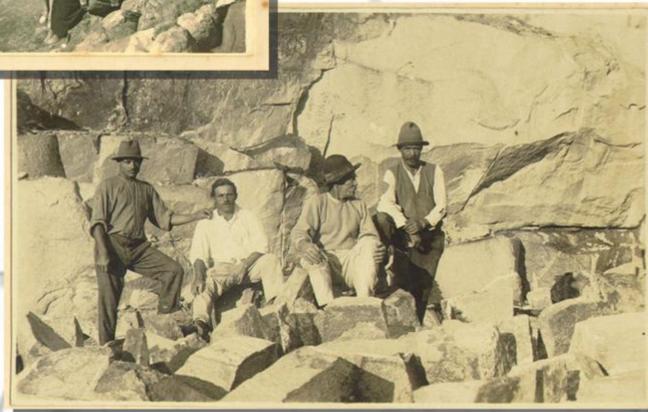
Objetivo

Investigar a duração dos laços sociais através da formação de uma comunidade de trabalho ao redor das pedreiras

Considerações Finais

A etnografia no bairro Tristeza tem revelado uma memória marcada pelo trabalho na extração de pedra. Deste, que já não existe mais, restaram

famílias descendentes. As moradias herdadas eram concedidas pela Empresa Pellin aos trabalhadores, à época de atividade das pedreiras. Esse sistema de concessão, que marca diversas estruturas de relações de trabalho, tanto no Brasil, como em outros países (Leite Lopes, 1976; Eckert, 1993), se transfigura, hoje, como a justificação para a continuidade dessas famílias nesse local, imbuído de conflitos judiciais.



gp - GRANITO PARA BRITA
gt - GRANITO PARA PEDRA DE TALHE
go - GRANITO PARA ROCHA ORNAMENTAL
gb - GRANITO PARA BRITA
gt - GRANITO PARA PEDRA DE TALHE
go - GRANITO PARA ROCHA ORNAMENTAL
av - ARGILA PARA CERÂMICA VERMELHA

ECKERT, C. Memória e Identidade: ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros de carvão (La Grand-Combe, França). Cadernos de Antropologia, n.11, 1993.
LEITE LOPES, J.S. O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

Bibliografia